

**JESSICA GUERREIRO GROSSO**

**ESQUEMAS PRECOCES MAL-ADAPTATIVOS  
COMO PREDITORES DA HOSTILIDADE EM  
VIOLADORES**

**Orientadora: Professora Doutora Joana Patrícia Pereira Carvalho**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2016**

**JESSICA GUERREIRO GROSSO**

**ESQUEMAS PRECOCES MAL-ADAPTATIVOS  
COMO PREDITORES DA HOSTILIDADE EM  
VIOLADORES**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense e da Exclusão Social conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 10 de Novembro de 2016 perante o Júri, nomeado pelo seguinte Despacho de Nomeação de Júri nº348/2016, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Carlos Alberto Poiares

Arguente: Prof. Doutor Pedro Pechorro

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Joana Patrícia Pereira Carvalho

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2016**

*É impossível e imoral pretender mudar o Homem, mas pode-se ajudá-lo a mudar-se a si próprio.*

*Michel Crozier*

Aos meus pais, irmãos e ao Duarte.

### **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, por o todo o apoio demonstrado. Por me permitirem seguir os meus sonhos, compreendendo cada escolha. Apesar do Oceano que nos separa, vocês sempre marcaram a vossa presença, sem deixar notar uma ponta de ausência. Agradeço-vos do fundo do coração, por esta oportunidade que me deram de seguir o meu caminho, por nunca me deixarem desistir, apoiando-me incondicionalmente e acima de tudo por acreditarem em mim, em todos os instantes.

Aos meus irmãos e avós, que sempre me motivaram e apoiaram com palavras de conforto. E que de tudo fizeram, para que fosse possível concluir esta etapa tão importante.

Ao meu namorado, Duarte, por todo o carinho, ajuda e compreensão que demonstrou para comigo ao longo deste percurso. Por toda a paciência, e por me dares força para seguir em frente. Obrigado por estares lá em todos os momentos e por me fazeres sentir a “melhor psicóloga do mundo”!

À Denise Henriques e à Rita Sádio, que ao longo de cinco anos de Psicologia estiveram sempre comigo. Obrigada pela amizade, por todos os momentos, por todas as gargalhadas e até pelos dias mais cinzentos. Muito obrigada por terem estado aí para mim. Foi um orgulho conhecer-vos e ter-vos comigo!

Não menos importante, um agradecimento à Professora Joana Patrícia Pereira Carvalho, pela orientação, disponibilidade e compreensão prestada ao longo desta Dissertação. A Professora Joana Carvalho, para além de uma excelente pessoa, é um poço de conhecimento e de profissionalismo. Obrigada por me ter ensinado tanto.

Por fim, às minhas colegas de orientação, pelo companheirismo e partilha de conhecimento.

Um muito OBRIGADA a todos!

## Resumo

Incessantemente, o Homem depara-se com situações que o tornam vulnerável, e conseqüentemente, determinam os seus comportamentos. Assim, o ato de violação também poderá ser resultado de uma situação de vulnerabilidade, onde imperam os fatores psicológicos (raiva e hostilidade). Estes fatores de ordem emocional são frequentemente moldados pela estrutura esquemática do sujeito, ou seja, a percepção que ele tem de si, do mundo e dos outros. Pelo que, surgiu a necessidade de compreender quais os esquemas disfuncionais passíveis de despoletar a hostilidade em violadores.

Este estudo pretendeu avaliar o impacto dos Esquemas Precoces Mal-Adaptativos (EPM's) na hostilidade em violadores. A amostra foi composta por homens condenados por crime de violação (N=53), com idades compreendidas entre os 20 e 58 (M = 34; DP = 9.16).

Os resultados demonstraram que o esquema com maior poder preditivo na hostilidade em violadores é o Pessimismo, que corresponde ao domínio Supervigilância e Inibição. Contudo, existem outros dois esquemas (Autocontrolo e Subjugação) de domínios distintos que também explicam a hostilidade em violadores, embora a percentagem de variância seja menor, quando comparada como a estrutura esquemática Pessimismo. Posto isto, seria relevante intervir pela via da Terapia Focada nos Esquemas(TFE) nas estruturas esquemáticas, para minimizar os níveis de hostilidade em violadores.

**Palavras-chave:** Esquemas precoces mal-adaptativos; hostilidade; violadores; terapia focada nos esquemas

*Abstract*

Unceasingly, people are faced with situations making them vulnerable and determining their behavior. Therefore, the act of raping may also be the result of a vulnerable situation, where the psychological factors prevail (anger and hostility). These emotional factors are often shaped by the subject schematic structures, which relate to the perception that he has about himself, the world and the others. So, there is a need to understand which dysfunctional schemes are able to trigger hostility in rapists.

This study aimed to evaluate the impact of early maladaptive schemas in the hostility of rapists. The sample consisted in men convicted of rape crime (N = 53), aged between 20 and 58 (M = 34; DP = 9.16).

The results showed that the scheme with higher predictive power in rapists' hostility was Pessimism. However, there are two schemes (self-control and subjugation) that also explain the hostility, although the percentage of variance was smaller, when comparing with the pessimism schematic structure. That said, it would be relevant to intervene by using schema therapy in the schematic structures to minimize the levels of hostility in rapists.

**Keywords:** Early maladaptive schemas; hostility; rapists; schema therapy

### **Lista de Abreviaturas**

TCC – Terapias Cognitivo-Comportamentais

TFE – Teoria Focada nos Esquemas

EPM's – Esquemas Precoces Mal-Adaptativos

YSQ-S3 – Questionário de Esquemas de Young

BSI – Breve Inventário de Sintomas



## Índice Geral

Capítulo I .....	12
1. Introdução .....	13
1.1. O fenómeno de violação .....	13
1.2. As emoções disfuncionais enquanto fator de vulnerabilidade para os crimes de violação .....	14
1.3. Esquemas precoces mal-adaptativos e ativação emocional disfuncional .....	17
1.4. Objetivo do estudo .....	20
Capítulo II .....	22
2. Metodologia .....	23
2.1. Participantes .....	23
2.2. Instrumentos .....	24
2.2.1. Questionário de Esquemas de Young .....	24
2.2.2. Breve Inventário de Sintomas .....	25
2.3. Procedimentos .....	26
2.4. Procedimentos Estatísticos .....	27
Capítulo III .....	28
3. Resultados .....	29
3.1. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio I e hostilidade em violadores .....	29
3.2. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio II e hostilidade em violadores .....	29
3.3. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio III e hostilidade em violadores .....	30
3.4. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio IV e hostilidade em violadores .....	30
3.5. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio V e hostilidade em violadores .....	31

Capítulo IV .....	32
3. Discussão .....	33
Referências Bibliográficas .....	37
Anexos .....	I
Anexo A (Os 18 Esquemas Precoces Mal-Adaptativos) .....	II
Anexo B (Descrição do Questionário de Esquemas de Young) .....	V
Anexo C (Descrição do Breve Inventário de Sintomas) .....	VI

### **Índice de tabelas**

Tabela 1: Características sociodemográficas da amostra .....	22
Tabela 2: Características do contexto penal .....	23
Tabela 3: Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio I e hostilidade em violadores .....	27
Tabela 4: Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio II e hostilidade em violadores .....	28
Tabela 5: Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio III e hostilidade em violadores .....	28
Tabela 6: Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio IV e hostilidade em violadores .....	29
Tabela 7: Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio V e hostilidade em violadores .....	29

## **Capítulo I**

### **1. Introdução**

#### **1.1. O fenómeno da violação**

#### **1.2. As emoções disfuncionais enquanto fator de vulnerabilidade para os crimes de violação**

#### **1.3. Esquemas precoces mal adaptativos e ativação emocional disfuncional**

#### **1.4. Objetivo do estudo**

## 1. Introdução

Como se tem vindo a constatar na última década, a criminalidade tem-se definido como um fenómeno social que se encontra bastante presente no nosso dia-a-dia e ocupa o discurso e as fontes de comunicação social do nosso país e do Mundo. O fenómeno da criminalidade é caracterizado pela existência de vários tipos de crimes, entre os quais, os crimes contra pessoas; estes destacam-se pelo impacto negativo na integridade física e/ou psicológica das mesmas (Ferreira, 1998).

### 1.1. O fenómeno da violação

O desenvolvimento deste trabalho irá incidir na temática dos crimes contra pessoas, na secção dos crimes contra a liberdade sexual. O foco principal é a violação. De acordo com o Código Penal (2015, p. 96), a violação é definida no Artigo 164º como “1. Quem, por meio de violência, ameaça grave, ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa: a) a sofrer ou praticar, consigo ou com outrem, cópula, coito anal ou coito oral; ou b) a sofrer introdução vaginal ou anal de partes de corpo ou objetos; é punido com pena de prisão de três a dez anos”; e como “2. Quem, por meio não compreendido no número anterior e abusando da autoridade resultante de uma relação familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho, ou aproveitando-se de temor que casou, constranger outra pessoa: a) a sofrer ou praticar, consigo ou com outrem, cópula, coito anal ou coito oral; b) a sofrer introdução vaginal ou anal de partes de corpos ou objetos; é punido com pena de prisão até três anos”. Em suma, a violação remete-nos para o não consentimento da vítima para a prática de atividades sexuais (Feldman, 2001), podendo envolver diferentes atos sexuais forçados, tais como, a penetração anal ou vaginal através de objetos ou partes do corpo, sexo oral. Embora exista, atualmente, um maior acesso ao conhecimento, ainda são muitas as pessoas que não diferenciam a violação dos abusos sexuais de menores. Os sujeitos violadores ao invés dos abusadores sexuais de menores, apresentam um maior nível de atos agressivos, de psicopatia e um perfil antissocial (Lã-Branca, 2012).

A violação é uma prática que não é de agora, desde há muito tempo faz parte da sociedade (Dias, 1999, cit in Rebocho, 2006). De acordo com as Estatísticas da

Justiça (Ministério da Justiça, 2016), relativamente aos crimes de violação que foram registados pelas autoridades policiais portuguesas, entre 2002 e 2004 ocorreram cerca de 1134 casos de violação, já entre 2012 e 2014, registaram-se cerca de 1094 casos. Contudo, é importante ter em conta as cifras negras, ou seja, o número de pessoas que não apresenta queixa às autoridades.

Habitualmente, a violação é um ato consumado em que o homem utiliza o domínio da força sobre a mulher (Beleza, 1984; Feldman, 2001; Pfeiffer & Salvagni, 2005), embora isto não seja linear, pois há situações em que é a mulher a exercer a força física sobre o homem (Dias, 1999, cit in Rebocho, 2006). De acordo com Rebocho (2006) a violação poderá ser entendida de acordo com uma perspetiva cognitiva. Nesta, é enfatizado o papel das distorções cognitivas (i.e., interpretações irrealistas do ato criminal ou da vítima) como fator motivacional para o crime. Acredita-se que as distorções cognitivas provoquem um sentimento de direito e legitimidade da prática do ato de violação, viabilizando a sua racionalização, justificação e minimização (Rebocho, 2006). Segundo Morán (2011), os violadores são sujeitos comuns, adequadamente integrados na sociedade e que não levantam suspeitas relativamente aos seus actos ou motivações. Contrariamente áquilo que se pensa, na maioria das vezes, os violadores não são seres solitários. Por norma são indivíduos inseguros, imaturos, pouco tolerantes à frustração e que, em alguns casos, foram vítimas de ofensas sexuais durante a infância (Móran, 2011). Estudos desenvolvidos demonstraram que os violadores têm uma personalidade dependente, antissocial e compulsiva, podendo padecer de uma perturbação borderline (Ortiz-Tallo, Sánchez & Cardenal, 2002). Como consequência da sua personalidade, estes sujeitos detêm dificuldades em estabelecer relações sociais, e são geralmente rotulados como impulsivos e irresponsáveis (Ortiz-Tallo, Sánchez & Cardenal, 2002). Adicionalmente, surgem outros estudos que demonstram que os violadores são, maioritariamente, sujeitos com idades compreendidas entre os 21 e os 40 anos, com formação escolar e detentores de emprego (Móran, 2011).

## **1.2. As emoções disfuncionais enquanto fator de vulnerabilidade para os crimes de violação**

Constantemente, o ser humano encontra-se perante situações que o tornam vulnerável e que determinam os seus comportamentos. Desta forma, no mundo do crime

o comportamento criminoso resulta de um conjunto de fatores de vulnerabilidade. Dentro dos vários fatores de vulnerabilidade encontra-se os fatores psicológicos, que possuem especial importância, no qual os traços psicológicos são referidos como traços de personalidade (Kamaluddin, Shariff, Othman, Ismail & Saat, 2015). Os traços de personalidade caracterizam-se como fatores dinâmicos estáveis que representam um fator de risco para a violação (Craig, Thornton, Beech & Browne, 2007; Hanson & Harris, 2000; cit in Carvalho & Nobre, in press). Posto isto, surgiu a necessidade de realizar estudos sobre quais os fatores que determinam o comportamento criminoso. Buss (1961) ao debruçar-se sobre o tema caracterizou o comportamento criminoso como resultado de ligações entre fatores emocionais (raiva) e fatores cognitivos (hostilidade) (cit in, Kamaluddin, Shariff, Othman, Ismail & Saat, 2015). Para Buss e Perry (1992) a raiva é uma reação emocional que surge como um impulso irrefletido, e a hostilidade representa uma reação cognitiva que implica sensações negativas (cit in Kamaluddin, Shariff, Othman, Ismail & Saat, 2015).

De acordo com algumas pesquisas, os agressores sexuais antes de cometerem o crime ostentam fortes estados emocionais negativos (Salter, 1995). Um estudo realizado pela Queen's Bench Foundation (1976) demonstra que 77% das emoções que um violador experiencia antes do delito são a raiva, rejeição, frustração e/ou depressão (cit in, Salter, 1995). Já Polaschek, Ward e Hudson (1997) afirmam que o ato de violação resulta da raiva, hostilidade e vingança (cit in Simons, 2015). São inúmeros os fatores que aumentam o risco de um sujeito cometer um crime de violação, fatores esses que estão ligados a crenças, atitudes, comportamentos oriundos de situações e condições sociais que eventualmente conduzem à violação (cit in Krug, Mercy, Zwi & Lozano, 2002). Diversos estudos referem as variáveis cognitivo-emocionais como fatores que motivam a violação. Num estudo em que a amostra é constituída por indivíduos sexualmente violentos e indivíduos não sexualmente violentos, verificou-se que os primeiros revelam hostilidade e impulsividade quando comparados com os outros (cit in Krug, Mercy, Zwi & Lozano, 2002).

Numa perspetiva de melhor compreensão do fenómeno da violação, Tirrell e Aldrighed (1983, cit in DiGiuseppe & Tafrate, 2007) desenvolveram um estudo que lhes permitiu identificar os violadores através das suas motivações. Estes autores propuseram duas dimensões contínuas que justificam o comportamento dos violadores; da primeira dimensão faz parte a raiva, hostilidade e agressão, da segunda dimensão a

excitação sexual. É de salientar que as dimensões e as variáveis que as compõem estão correlacionadas. Os autores provaram que um violador possui algum nível de cada uma das motivações. Desta forma, ao aumentar a motivação hostilidade, a dimensão excitação sexual sofre um declínio e vice-versa (cit in DiGiuseppe & Tafrate, 2007).

Também Groth, Burgess e Holmstrom (1977) utilizaram as dimensões contínuas e propuseram a hipótese de que o comportamento dos violadores poderia ser explicado pela raiva, poder e sexualidade, sendo que ambas estão presentes em todos os casos de violação embora uma ou outra dimensão possa prevalecer mais do que a/s outra/s (cit in DiGiuseppe & Tafrate, 2007). O estudo feito por estes autores com 133 violadores demonstrou que nos crimes de violação o problema dominante é a raiva e/ou o poder e não a sexualidade, pois a o ato sexual é um meio para expressar a raiva, e do mesmo modo procede o poder, que é expressado através do ato sexual. Assim, a variável sexualidade não seria a causa central para a violação (cit in DiGiuseppe & Tafrate, 2007; Flowers, 2006; Lisak, 2011). Em termos de comparação, Francia e colaboradores (2010; cit in Carvalho & Nobre, in press), desenvolveram estudos com 43 violadores e 45 abusadores sexuais de menores, onde concluíram que os violadores apresentam níveis mais elevados de hostilidade quando comparados com os abusadores sexuais de menores (Shechory & Ben-David, 2005; cit in Carvalho & Nobre, in press).

Posto isto, a personalidade dos indivíduos que praticam o ato de violação é caracterizada por comportamentos antissociais e sádicos apresentando também níveis bastante altos de emoções negativas, sendo estas emoções caracterizadas principalmente por raiva e hostilidade, embora existam outras que incorporam este estado emocional, tal como, irritabilidade, agressão e linguagem agressiva (Bard et al., 1987; Craissati & Beech, 2004; Ford & Linney, 1995; Ward, Hudson & Marshall, 1996, cit in Carvalho & Nobre, 2013).

Perante os fatores referidos, o fenómeno da violação poderá também, por vezes, surgir como forma de gerir o *stress*. Rada (1978) sugere que os violadores cometem os seus atos agressivos em resposta aos níveis de *stress* situacional, afirmando que a violação é gerada devido a situações de *stress* que o sujeito vivencia no seu dia-a-dia (cit in Flowers, 2000; Humphrey & Palmer, 1990; Morris, 1997). Ainda neste sentido, também Donna Hamprarian (cit in Flowers, 2000) fundamenta este tipo de comportamento como consequência do *stress*, uma vez que o *stress* origina



determinadas características que se fazem sentir nos violadores, tais como, uma baixa auto-estima, baixo controlo de impulsos, raiva, frustração e falta de empatia com os outros.

Para Ward e Beech (1995, 2004), os violadores caracterizam-se por uma forte emocionalidade negativa sendo que a prática da violação visa restabelecer a homeostasia emocional (i.e., regular os estados emocionais disfuncionais) pelo ato sexual. Aliás, o aumento da excitação sexual mediante estados emocionais negativos (ansiedade, stress, raiva) é já um fenómeno descrito no campo da sexologia clínica, onde se pensa que a atividade sexual pode atuar como um fator apaziguante e de gestão do stress (Bancroft et al. 2003, Lykins, Janssen & Graham, 2006; Adams & Robison, 2001; Reid, Garos & Carpenter, 2011, cit in Carvalho & Nobre, 2013). Assim, existem determinados fatores relacionados com as emoções negativas como o stress, ansiedade, raiva e hostilidade, que poderão afetar a atitude do sujeito e despoletar a prática de crimes sexuais (McKibben, Proulx & Lusignan, 1994; Swaffer, Hollin, Beech, Beckett & Fisher, 2000; Hall & Hirschman, 1991; Firestone et al., 2005, cit in Carvalho & Nobre, 2013).

### **1.3. Esquemas precoces mal-adaptativos e ativação emocional disfuncional**

Como em todas as disciplinas científicas, existe uma série de conceitos que são utilizados pelas mais distintas áreas da Psicologia, embora para cada uma destas, os conceitos abarquem conotações e significados diferentes, como é o caso do termo “esquema” (Dobson & Dozois 2006, cit in Dobson, 2006). Numa abordagem da Psicologia Cognitiva, esquema é uma estrutura cognitiva que representa eventos e/ou sequências de eventos, situações, objetos (Eysenck & Keane, 1995), ou seja, esquemas são crenças centrais que definem o sujeito e que determinam a forma como ele interpreta a sua realidade e a do meio que o rodeia (Beck, 1976). São estruturas adquiridas ao longo de todo o processo de aprendizagem de um sujeito, sendo por isso mesmo, estruturas únicas e exclusivas de cada indivíduo, tanto no seu conteúdo como na sua acessibilidade. Esta particularidade leva a que um mesmo acontecimento possa ser processado e interpretado por dois sujeitos de forma distinta (Johnson-Laird, 1983, cit in Rijo, 2009). Contudo, esta interpretação da realidade pode ser feita de forma errada, surgindo a partir de pensamentos que são automaticamente ativados, sem que

seja necessária uma intervenção externa (Beck, 1997; Balhs & Navolar, 2004, cit in Silva, 2013).

Como já referido, o esquema é um conceito de grande importância para a Psicologia Cognitiva, da qual deriva as terapias cognitivo-comportamentais. Estas terapias têm um papel de grande relevância no que diz respeito aos diferentes transtornos mentais (Duarte, Nunes & Kristensen, 2008), sendo estas técnicas que empregam uma abordagem cognitiva em simultâneo com um conjunto de condutas comportamentais. Desta forma, as Terapias Cognitivo-Comportamentais (TCC) têm como objetivo alterar o sujeito ao nível cognitivo para que haja uma mudança comportamental do mesmo (Knapp & Beck, 2008). Nem sempre as TCC têm o resultado desejado, devido a inúmeras falhas que se observam ao longo dos tratamentos, sejam elas resultado da duração da terapia ou dos métodos cognitivo-comportamentais utilizados (Young, 1999).

Como resultado destes insucessos, Jeffrey Young (1990, 1999) desenvolveu a Terapia Focada nos Esquemas (TFE), que retrata uma evolução do modelo cognitivo desenvolvido por Aaron Beck, e que surge com o intuito de colmatar as lacunas da TCC tradicional no que concerne ao tratamento de sujeitos com transtornos da personalidade. A TFE é uma técnica terapêutica que poderá ser breve, intermediária ou a longo-prazo e que dedica especial importância à infância e à adolescência, com o intuito de procurar os esquemas que estão na origem dos problemas. Desta forma, Young (1990, 1999) intitula esquemas, que têm origem na infância devido a experiências adversas, como Esquemas Precoces Mal-adaptativos (EPM's) (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

Os EPM's são estruturas estáveis e duradouras que se desenvolvem durante a infância, quando as necessidades emocionais da criança não são satisfeitas e, simultaneamente, quando existem dinâmicas disfuncionais no seio familiar, afetando assim, de forma prematura a personalidade do sujeito (Cazassa & Oliveira, 2008). Quer assim dizer, que os EPM's se definem como padrões emocionais e cognitivos, que tem início na infância e que acaba por se ir desenvolvendo ao longo da vida, gerando um nível de disfunção significativo; ou seja, são estruturas auto-derrotistas. (Young, 2003, 2008, cit in, Boscardin & Kristensen, 2011). Young (1990, 1999) teoriza que os comportamentos disfuncionais se desenvolvem como respostas a um esquema. Quando os EPM's sofrem um processo de ativação, ocorre uma reação de coping disfuncional

responsável pelo parco ajustamento emocional do sujeito (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

Uma vez que os sujeitos desenvolvem estratégias de coping mal adaptativas de forma precoce, Young (1999) definiu três tipos de estratégias de coping: manutenção do esquema; evitamento do esquema e compensação do esquema. Estas estratégias têm como objetivo auxiliar os esquemas quando estes se encontram sobre ameaça. (Pereira, 2013). Na medida em que ocorre a ativação dos esquemas disfuncionais, o sujeito vivencia um elevado nível de emoções também elas disfuncionais, provocando reações como, tristeza, culpa, vergonha, medo, ansiedade, raiva, entre outras (Castelo, 2013; Fonseca, 2012; Young, 2003). Numa tentativa de evitar estas reações disfuncionais recorre-se ao evitamento dos esquemas (referido anteriormente como sendo uma das três estratégias de coping introduzidas por Young). O evitamento alude a uma tentativa de bloquear pensamentos, emoções e certas situações e circunstâncias que ativem esquemas que possam ser dolorosos para o sujeito (Pereira, 2013). Face à ativação de esquemas disfuncionais, surge uma falta de controlo cognitivo (pensamentos), provocando enviesamentos no processamento de informação e, conseqüentemente, distorções cognitivas. Neste sentido, uma vez que os esquemas disfuncionais sejam ativados, estes irão sobrepor-se a outros esquemas que sejam funcionais (Kovacs & Beck, 1978, cit in Castelo, 2013).

Young propôs 18 EPM's que são organizados em cinco grandes domínios. Cada domínio corresponde a uma necessidade básica na infância que não foi satisfeita (Young, Klosko & Weishaar, 2003; Rafaeli, Bernstein & Young, 2011; Trindade, Mossati, & Mazzoni, 2009). O primeiro domínio é o Distanciamento e Rejeição. Neste, há a ideia de que as necessidades de segurança, estabilidade, amor e pertença não serão cumpridas, tornando um indivíduo incapaz de estabelecer relações seguras e satisfatórias com outros sujeitos. Neste, a família de origem é caracterizada como instável, abusiva, fria e/ou isolada do mundo. Os EPM's que incorporam este domínio são: Abandono/Instabilidade, Desconfiança/Abuso, Privação emocional, Defeito/Vergonha e Isolamento social/Alienação<sup>1</sup>.

O seguinte domínio é Autonomia e Desempenho Deteriorados, este refere-se às expectativas e perceções do sujeito em relação a si e ao meio, que irão influenciar a sua

---

<sup>1</sup> Ver Anexo A para descrição de todos os esquemas.

capacidade percebida para funcionar de forma autónoma e independente. A família de origem é demasiado protetora e pouco fortalecedora das competências da criança. Os EPM's deste domínio são: Dependência/Incompetência, Vulnerabilidade ao Mal ou à Doença, Emaranho/Eu subdesenvolvido e Fracasso.

O terceiro domínio é Limites deteriorados. Este corresponde a uma deficiência de limites internos, no qual, o sujeito é caracterizado pela ausência de disciplina, responsabilidade e respeito pelos outros. A típica família de origem caracteriza-se pela permissividade, excesso de indulgência e superioridade. Uma criança que se desenvolva neste meio, poderá não ter sido estimulada para conseguir tolerar níveis normais de desconforto e/ou, poderá ainda, não ter recebido uma adequada orientação e supervisão. Tudo isto leva a criança a não ter noção dos seus limites, tornando-a incapaz de se autodisciplinar, controlar os impulsos e compreender os outros. Os EPM's característicos deste domínio são Grandiosidade/Limites indefinidos e Autocontrolo/Autodisciplina insuficientes.

Em quarto lugar encontra-se o domínio Influência dos Outros, que se traduz num foco das necessidades dos outros, em detrimento das próprias necessidades. O motivo pelo qual o sujeito dá prioridade às necessidades alheias é, única e exclusivamente, para obter amor e aprovação, de forma a evitar ser rejeitado. A família típica de origem rege-se por uma aceitação condicional, em que a criança durante o seu desenvolvimento sente dificuldades em expressar as suas necessidades e emoções com medo de sofrer represálias. Os EPM's que caracterizam este domínio são Subjugação, Autossacrifício e Procura de aprovação/Reconhecimento.

Por fim, o domínio Supervigilância e Inibição, resulta do excesso de vigilância e de obediência, como forma de controlar os seus sentimentos e impulsos, para que se desenvolva uma boa conduta sem a presença de erros. A família de origem é caracterizada como rígida e punitiva no que diz respeito ao cumprimento de regras, o que acaba por desvalorizar certas emoções e sentimentos espontâneos. Neste domínio os EPM's são Negativismo/Pessimismo, Inibição emocional/Controlo excessivo, Padrões rígidos/Hipercriticismo e Punição.

#### **1.4. Objetivo do estudo**

Uma vez que os estados emocionais negativos, entre os quais os estados de hostilidade, figuram como um fator de vulnerabilidade para os crimes de violação, e considerando o papel dos EPM's na sintomatologia psicológica disfuncional (nomeadamente ao nível das reações emocionais disfuncionais enquanto resultado de estratégias de coping mal adaptativas), o presente estudo teve por objetivo avaliar o papel dos EPM's enquanto potencial fator de vulnerabilidade para a hostilidade em violadores condenados. De forma mais precisa, e a título exploratório, procurou-se avaliar o poder preditivo dos EPM's – de acordo com cada um dos 5 domínios – na hostilidade relatada por estes agressores. Considera-se assim que estes esquemas podem atuar como fatores de predisposição para esta emoção disfuncional, adquirindo valor clínico no desenho e na implementação das estratégias que visam reabilitar estes indivíduos.

## **Capítulo II**

### **2. Metodologia**

#### **2.1. Participantes**

#### **2.2. Instrumentos**

##### **2.2.1. Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3)**

##### **2.2.2. Breve Inventário de Sintomas (BSI)**

#### **2.3. Procedimentos**

## 2. Metodologia

A realização deste trabalho teve por base a utilização de dados previamente recolhidos em 2009 e 2010, no âmbito de um projeto de Doutoramento na área de Sexologia Forense, conduzido pela Professora Doutora Joana Carvalho.

Para um melhor conhecimento dos participantes deste estudo, foi feita uma análise das características sociodemográficas e do contexto penal dos mesmos. É importante salientar que para o estudo, não foram considerados sujeitos inimputáveis nem sujeitos com diagnóstico de psicopatologia severa.

### 2.1. Participantes

Neste estudo participaram 53 homens condenados por crime de violação, com uma média de idades de 34 anos ( $DP = 9.16$ ; range = 20-58). A maioria dos indivíduos avaliados eram solteiros ( $M = 62,7\%$ ) e tinham o 2º ciclo de ensino básico (41.5%), o que corresponde ao 5º e 6º ano de escolaridade (Tabela 1). Relativamente ao contexto penal, no que diz respeito ao número de vítimas, a maior parte destes indivíduos tinham apenas uma vítima comprovada, sendo que 43.4% das vítimas eram desconhecidas, e ao nível dos crimes não sexuais, 64,7% dos indivíduos apresentaram um historial de outros crimes para além destes, pelos quais já tinham sido condenados anteriormente (Tabela 1).

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra

	Violação (n = 53)
Idade	$M = 34$ $DP = 9.16$ <i>range = 20-58</i>
Estado Civil	
Solteiro	62.7%
Casado	25.5%
União Facto	0%

---

Divorciado	7.8%
Viúvo	3.9%
Escolaridade	
1º ciclo	26.4%
2º ciclo	41.5%
3º ciclo	26.4%
Secundário	5.7%

---

Tabela 2. Características do contexto penal

---

	Violação
Nº de vítimas	
1	41 (89.1%)
3	1 (2.2%)
Mais de 3	4 (8.7%)
Crimes não sexuais	
Sim	33 (64.7%)
Não	18 (35.3%)
Relação com a vítima	
Conhecida	20 (37.7%)
Desconhecida	23 (43.4%)

---

## 2.2. Instrumentos<sup>2</sup>

Os instrumentos de avaliação utilizados para este estudo foram: um questionário de auto-resposta que avalia dimensões e sintomas da psicopatologia (BSI – Breve Inventário de Sintomas) e um questionário de avaliação de Esquemas Precoces Mal-adaptativos (YSQ-S3 – Questionário de Esquemas de Young).

### 2.2.1. Questionário de Esquemas de Young



Para uma possível análise e identificação dos EPM's nos indivíduos condenados por violação foi utilizado o YSQ-S3 (Young, 2005). É um instrumento constituído por 90 itens que objetiva avaliar<sup>2</sup> a presença de 18 EPM's, que se categorizam em cinco grandes domínios: 1) Distanciamento e Rejeição (composto por esquemas de abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defeito/vergonha e isolamento social/alienação), 2) Autonomia e Desempenho Deteriorados (formado por esquemas de dependência/incompetência, vulnerabilidade ao mal ou à doença, emaranho/eu subdesenvolvido e fracasso), 3) Limites Deteriorados (contém esquemas de grandiosidade/limites indefinidos e autocontrolo/autodisciplina insuficientes), 4) Influência dos Outros (constituído por esquemas de subjugação, autossacrifício e procura de aprovação/reconhecimento) e 5) Supervigilância e Inibição (engloba esquemas de negativismo/pessimismo, inibição emocional/controlo excessivo, padrões rígidos/hipercriticismo e punição). Para cada EPM é atribuído um conjunto de cinco itens, no qual é utilizada uma escala de Likert de seis pontos como resposta (desde “1 - completamente falso” a “6 – descreve-me perfeitamente”).

Pinto Gouveia, Rijo e Salvador (2005) criaram uma versão portuguesa deste questionário, onde foi possível constatar através de estudos psicométricos que a versão criada pelos autores é compatível com a original, apresentando boas características psicométricas com um  $\alpha$  de Cronbach de .97 para a totalidade dos itens, quer então dizer que os itens têm elevada consistência interna. Concomitantemente, o questionário apresenta também uma fidelidade teste-reteste de .86, ostentando associações fortes com outras medidas de psicopatologia geral (Carvalho, 2011; Rijo, 2009).

### **2.2.2. Breve Inventário de Sintomas**

O BSI (Derogatis & Spencer, 1982; cit in, Canavarro, 1999; Carvalho, 2011; Rijo, 2009) é um instrumento de auto-resposta constituído por 53 itens, que pretende avaliar a presença de sintomas psicopatológicos e ajustamento emocional a partir de nove dimensões sintomatológicas, entre as quais, somatização, depressão, hostilidade, ansiedade fóbica, ansiedade, obsessivo-compulsivo, psicoticismo, ideação paranóide e sensibilidade interpessoal (Canavarro, 1999).

---

<sup>2</sup> Dado a não autorização para replicação dos instrumentos, encontra-se em Anexo (B e C) uma breve descrição dos itens.

A versão original do inventário de Derogatis e Spencer (1982, cit in Canavarro, 1999; Carvalho, 2011; Rijo, 2009) ostenta boas características psicométricas com um  $\alpha$  de Cronbach que varia entre o .71 (psicoticismo) e .85 (depressão). Através de estudos psicométricos realizados com uma amostra portuguesa, foi possível observar que o instrumento apresenta igualmente boas características psicométricas com valores de consistência interna que variam entre .62 (psicoticismo) e .80 (somatização), e coeficientes teste-reteste entre .63 (ideação paranóide) e .81 (depressão), sendo eficaz para discriminar indivíduos emocionalmente instáveis (Canavarro, 1999; cit in Carvalho, 2011).

De acordo com os objetivos deste estudo, foi considerado apenas a dimensão hostilidade na sua vertente traço. A dimensão hostilidade abarca emoções, pensamentos e comportamentos que são característicos do estado afetivo negativo da cólera. No questionário esta dimensão inclui os itens 6, 13, 40 41 e 45.

### **2.3. Procedimentos**

A presente avaliação teve como população-alvo indivíduos condenados por crimes sexuais, sendo avaliados em 7 estabelecimentos prisionais nacionais distintos, devidamente autorizados pela Direção Geral dos Serviços Prisionais (Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, Estabelecimento Prisional de Aveiro, Estabelecimento Prisional de Coimbra, Estabelecimento Prisional de Custóias, Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, Estabelecimento Prisional de Vale do Sousa e, por fim, Estabelecimento Prisional da Guarda).

Primeiramente, foi transmitido aos indivíduos quais os procedimentos da avaliação e como funcionaria. Os sujeitos participaram de forma voluntária após assinatura do consentimento informado. A participação dos indivíduos teve por base o preenchimento de questionários em privado e sob a supervisão da investigadora Professora Doutora Joana Carvalho. Para além do preenchimento dos questionários foram consultados todos os processos judiciais dos sujeitos; estes continham toda a informação do crime. É de salientar que desde início ficou claro junto dos reclusos, que se quisessem desistir a qualquer instante que o poderiam fazer, e ainda que a participação nesta avaliação não teria qualquer tipo de remuneração ou de recompensa. Para finalizar, os questionários

foram devolvidos em envelope fechado, de forma a garantir a segurança dos dados fornecidos.

#### **2.4. Procedimentos Estatísticos**

Relativamente aos procedimentos estatísticos, a realização deste estudo teve por base a utilização de regressões múltiplas (método Enter). Este objetiva avaliar qual o efeito preditor de cada estrutura esquemática correspondente aos cinco domínios existentes face à hostilidade em violadores. Uma vez que é necessário ter em conta o número de variáveis predictoras para cada domínio, e de obter resultados estatisticamente significativos, foi utilizada a correção de Bonferroni.

Posto isto, no que concerne aos domínios Autonomia e Desempenho deteriorados, Influência dos Outros e Supervigilância e Inibição, foram considerados estatisticamente significativos, os valores iguais ou inferiores a .01 ( $p \leq 0.01$ ).

## **Capítulo III**

### **3. Resultados**

#### **3.2. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do Domínio I e Hostilidade em Violadores**

#### **3.3. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do Domínio II e Hostilidade em Violadores**

#### **3.4. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do Domínio III e Hostilidade em Violadores**

#### **3.5. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do Domínio IV e Hostilidade em Violadores**

#### **3.6. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do Domínio V e Hostilidade em Violadores**

### 3. Resultados

#### 3.1. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio I e hostilidade em violadores

Para se avaliar o papel dos EPM's do domínio I (distanciamento e rejeição), quanto ao seu efeito preditor face à hostilidade, efetuou-se uma análise de regressão múltipla (método Enter), em que os esquemas que compõem este domínio foram seleccionados como variáveis predictoras e a hostilidade como variável critério. Os resultados mostraram que o modelo não é significativo [ $F(5,47) = 2.262$ ,  $p < .05$ ] explicando 19% da variância ( $R^2 = .194$ ). Após a análise dos coeficientes de regressão estandardizados, verificou-se que as variáveis do domínio I não contribuem significativamente para prever a hostilidade em violadores (Tabela 3).

Tabela 3. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio I e hostilidade em violadores (regressões múltiplas método Enter,  $n = 53$ ).

Esquemas	B	EP	$\beta$	$t$	$p$
Privação Emocional	.018	.141	.023	.126	.900
Abandono	-.128	.148	-.160	-.865	.392
Desconfiança	.296	.161	.361	1.840	.072
Isolamento Social	.146	.157	.216	.928	.358
Defeito	-.010	.177	-.013	-.054	.957

#### 3.2. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio II e hostilidade em violadores

Para se avaliar o papel dos EPM's do domínio II (autonomia e desempenho deteriorados) na hostilidade, efetuou-se novamente uma análise de regressão múltipla (método Enter). Os resultados evidenciaram que o modelo é significativo [ $F(4,48) = 6.787$ ,  $p < .05$ ] e explica 4 % da variância ( $R^2 = .0361$ ). Após a correção de *Bonferroni*

( $p = .01$ ), a análise dos coeficientes de regressão estandardizados demonstrou que nenhuma das variáveis é preditora da hostilidade em violadores (Tabela 4).

Tabela 4. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio II e hostilidade em violadores (regressões múltiplas método Enter,  $n = 53$ ).

Esquemas	B	EP	$\beta$	$t$	$p$
Incompetência	.065	.176	.078	.369	.714
Vulnerabilidade	.263	.112	.401	2.353	.023
Emaranhamento	.117	.103	.166	1.132	.263
Fracasso	.032	.139	.044	.232	.818

### 3.3. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio III e hostilidade em violadores

Com o intuito de avaliar o papel preditor dos EPM's do domínio III (limites deteriorados) na hostilidade em violadores, efetuou-se uma análise de regressão múltipla (método Enter). Os resultados mostraram um modelo significativo [ $F(2,50) = 5.300$ ,  $p < .05$ ] explicando 17% da variância ( $R^2 = .175$ ). A análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que os esquemas de auto-controlo são o principal preditor da hostilidade ( $\beta = .34$ ,  $p < .05$ ) (Tabela 5).

Tabela 5. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio III e hostilidade em violadores (regressão múltipla método Enter,  $n = 53$ ).

Esquemas	B	EP	$\beta$	$t$	$p$
Grandiosidade	.099	.117	.125	.849	.400
Auto-controlo	.257	.110	.343	2.333	.024

### 3.4. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio IV e hostilidade em violadores

Para se avaliar o papel preditor dos EPM's do domínio IV (influência dos outros) na hostilidade em violadores, efetuou-se novamente uma análise de regressão múltipla (método Enter). Os resultados mostraram um modelo significativo [ $F(3,49) = 3.249, p < .05$ ] e explica 17% da variância ( $R^2 = .166$ ). Após a correção de *Bonferroni* ( $p = .01$ ), a análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que os esquemas de subjugação foram os principais preditores da hostilidade em violadores ( $\beta = .496, p < .01$ ) (Tabela 6).

Tabela 6. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio IV e hostilidade em violadores (regressões múltiplas método Enter,  $n = 53$ ).

Esquemas	B	EP	$\beta$	T	$p$
Subjugação	.382	.123	.496	3.115*	.003
Auto-sacrifício	-.140	.126	-.175	-1.110	.272
Reconhecimento	-.109	.132	-.126	-.821	.416

\* $p < .01$

### 3.5. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio V e hostilidade em violadores

Para se avaliar o papel preditor dos EPM's do domínio V (supervigilância e inibição) na hostilidade em violadores, efetuou-se novamente uma análise de regressão múltipla (método Enter). Os resultados mostraram um modelo significativo [ $F(4,48) = 2.897, p < .05$ ] e explica 19% da variância ( $R^2 = .194$ ). Após a correção de *Bonferroni* ( $p = .01$ ), a análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que, para este domínio, os esquemas de pessimismo foram os principais preditores da hostilidade em violadores ( $\beta = .569, p < .01$ ) (Tabela 7).

Tabela 7. Esquemas Precoces Mal-Adaptativos do domínio V e hostilidade em violadores (regressões múltiplas método Enter,  $n = 53$ ).

Esquemas	B	EP	$\beta$	$t$	$p$
Pessimismo	.451	.140	.569	3.214*	.002
Inibição Emocional	-.160	.163	-.191	-.980	.332
Padrões Excessivos	-.180	.160	-.188	-1.125	.266
Punição	.133	.163	.119	.815	.419

\* $p < .01$

## **Capítulo IV**

### **4. Discussão**



#### 4. Discussão

A presente dissertação de mestrado teve como objetivo de estudo avaliar o impacto dos EPM's na hostilidade em violadores condenados, i.e., verificar quais dos 18 esquemas melhor predizem a hostilidade. Assim, ao compreender quais as estruturas esquemáticas que explicam a hostilidade em violadores, seria fundamental, fazer uma intervenção clínico-forense, com o auxílio da TFE, nos esquemas associados à hostilidade, com o objetivo de implementar estratégias que visem reabilitar estes indivíduos e tentar minimizar os seus níveis de hostilidade.

Com o intuito de melhor compreender os resultados obtidos, no que diz respeito ao papel preditor de cada esquema na hostilidade em violadores, será aprensetado uma breve explicação sobre quais os domínios que se mostraram significativos. Estes resultados permite-nos compreender o que despoleta a hostilidade em violadores, através do modelo teórico de Young (1990, 1999).

No domínio Limites Deteriorados, foi possível constatar que os esquemas de Autocontrolo/Autodisciplina insuficientes predizem de forma significativa a hostilidade em violadores. O modelo explica cerca de 17% de variância. Neste domínio, enquanto criança, o sujeito desenvolveu-se num ambiente caracterizado pelo excesso de indulgência, permissividade e superioridade, no qual o indivíduo apresenta por vezes um comportamento irresponsável, egoísta e narcísico (Young, Klosko & Weishaar, 2003). Assim, o esquema de Autocontrolo define-se pela dificuldade que o indivíduo tem em exercer um autocontrolo a fim de tolerar a sua frustração, face à concretização de objetivos pessoais e à expressão excessiva dos seus impulsos. Sendo o autocontrolo um mecanismo que visa a homeostasia e o bem-estar do sujeito, quando este se manifesta de forma desadaptativa, há um conjunto de características psicológicas e emocionais negativas que se fazem sentir, como por exemplo, a intolerância à frustração. Como neste domínio, há uma ausência de noção de quais são os seus limites (Pereira, 2013), quando o sujeito se depara com limites alheios e sente que está a perder

o controlo da situação, instantaneamente, manifesta-se um sentimento de frustração que involuntariamente gera hostilidade. Berkowitz (1988, 1989, cit in Dill & Anderson, 1995), definiu frustração como um estímulo desagradável, aversivo que evoca um efeito negativo, no qual as suas percepções estão associadas a tendências agressivas e de hostilidade. Portanto, é visível que a intolerância à frustração faz sentido num quadro de hostilidade, podendo em determinados casos, ser um potenciador de hostilidade em violadores. Já em 1952, Pastore, desenvolveu um estudo, onde procurou medir os níveis de agressão como resposta à frustração. Após análise dos seus resultados, foi possível observar que a frustração produzia sentimentos moderados de hostilidade (cit in Dill & Anderson, 1995). Deste modo e segundo Loper (2003, cit in Matias, 2016), o esquema de Autocontrolo, está fortemente associado à existência de sintomatologia marcada pela hostilidade. Posto isto, e dado que a hostilidade é uma resposta à frustração (Pastore, 1952, cit in Dill & Anderson, 1995), isto remete-nos para que, em termos de intervenção, deve ser trabalhado os níveis de aceitação das contrariedades do sujeito.

No que diz respeito ao domínio Influência dos outros, verificou-se a existência de um modelo significativo nos esquemas de Subjugação, tendo uma variância de 17%. Este domínio traduz-se numa aceitação condicional, ou seja, o sujeito foca os desejos e as necessidades do outro em detrimento das suas próprias necessidades, com o intuito de obter aprovação alheia, evitando assim a rejeição. Enquanto criança, o indivíduo poderá ter crescido num ambiente de aprovação, que resultou na dificuldade em expressar-se devido ao receio de sofrer represálias (Paim, Madalena & Falcke, 2012). Como tal, o esquema de Subjugação remete-nos para a ideia de que o sujeito deve estar sobre o controlo do outro, para não ser alvo de retaliações ou abandono (Teixeira, 2010). Desta forma, a subjugação é um esquema alienado à manifestação de comportamentos passivo-agressivos, impulsividade e ausência de afetividade. Pressupondo que durante toda a sua vida, o sujeito assumiu uma postura submissa perante o outro, no qual suprimia as suas necessidades em prole das necessidades de outrém (Young, Klosko, & Weishaar, 2003), poderá ter surgido uma estratégia de coping disfuncional, que levou o sujeito a perpetrar o ato de violação, como forma de ser ele a assumir o controlo da situação.

Para o domínio Supervigilância e Inibição, o esquema que apresentou maior percentagem de variância foi o Pessimismo (19%), o que significa que, de entre todas as

estruturas esquemáticas, este é o que melhor explica a hostilidade em violadores. Assim, o domínio Sobrevigilância e Inibição, resulta do excesso de vigilância e de obediência, como forma de controlar os seus sentimentos e impulsos, para que se desenvolva uma boa conduta sem a presença de erros. Por norma, são sujeitos que se desenvolveram no seio de uma família punitiva e rígida. O esquema de Pessimismo, remete-nos para um foco excessivo nos acontecimentos negativos (e.g., morte, dor, culpa, ressentimento, desilusão, perda), desvalorizando ou até menosprezando os aspetos positivos. Muitas vezes, há um medo excessivo de cometer erros que possam levar ao fracasso ou à humilhação (Teixeira, 2010). Pelo facto de o sujeito ter, conseqüentemente, percepções negativas do seu dia-a-dia, face aos seus comportamentos e acções, e uma vez que durante a sua infância, apreendeu a prática de controlo interno dos seus sentimentos, é trivial a ativação deste esquema como forma de gerar hostilidade. Ao perceber a sua vida de forma negativa, o sujeito está mais vulnerável a ter comportamentos auto-derrotistas e mais agressivos.

De um modo geral, os resultados deste estudo revelaram qual a importância de cada esquema na hostilidade em violadores. O esquema que apresenta maior poder preditivo na hostilidade é o Pessimismo, que corresponde ao domínio Supervigilância e Inibição. Contudo, existem outros dois esquemas (Autocontrolo e Subjugação) de domínios distintos que também explicam a hostilidade em violadores, embora a percentagem de variância seja menor, quando comparada como a estrutura esquemática Pessimismo.

Sendo a ativação dos esquemas algo negativo, estes irão influenciar de forma acentuada a hostilidade. Assim, um sujeito que tenha algumas dificuldades em manter o seu controlo perante determinadas situações; com problemas de inferioridade em relação ao outro; e com dificuldades em olhar para a sua vida com uma conotação positiva, muito rapidamente, perante uma situação indesejável, facilmente irão despoletar um sentimento de hostilidade. Na base disto, encontra-se as vivências da infância do sujeito, uma vez que estes indivíduos ao terem crescido num seio familiar desprovido de certos valores e normas, como ausência de regras/excesso de permissividade; demonstração de amor e carinho apenas quando a criança realizava os desejos dos pais; e excesso de punição.

Como em qualquer estudo, ao longo da sua execução, foram várias as limitações que se fizeram notar. Em primeiro lugar, destaca-se o tamanho da amostra que é bastante reduzido, pelo que, deve ser feita uma leitura cuidadosa dos resultados. Desta forma, seria importante realizar, uma replicação do estudo com uma amostra maior. Outra limitação que se deverá ter em conta, é o facto de que, a hostilidade pode ser causada por outras variáveis que não foram consideradas neste estudo (e.g., fatores do dia-a-dia no ambiente de reclusão; outros indicadores de psicopatologia, etc.).

Posto isto, os dados deste estudo sugerem que, face à ativação dos esquemas de forma disfuncional em homens violadores, seria uma mais-valia implementar uma técnica terapêutica, nomeadamente a terapia focada nos esquemas (Young 1990, 1999) em contexto forense, em que ao trabalhar a estrutura esquemática do sujeito, fosse possível proporcionar ao sujeito, uma melhor adaptação do ponto de vista emocional, uma vez que as emoções negativas, entre as quais a hostilidade, são um fator risco de desencadeamento de comportamentos de violação.

### Referências Bibliográficas

- Beck, A. T. (1976). *Cognitive therapy and the emotional disorders*. New York: International Universities Press.
- Beleza, T. P. (1984). *A mulher no direito penal*. Lisboa: Comissão da condição Feminina.
- Boscardin, M. K., & Kristensen, C. H. (2011). Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. *Revista de Psicologia da IMED*, 3 (1), 517-526.
- Castelo, M. A. (2013). Aferição da Nova Escala Multidimensional da Depressão para a População Portuguesa: Continuação do Estudo Preliminar (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Carvalho, J. P. (2011). Factores de vulnerabilidade para a agressão sexual (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Carvalho, J. P., & Nobre, P. J. (in press). Five-Factor Model of Personality and Sexual Aggression. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology XX(X)*.
- Carvalho, J. P., & Nobre, P. J. (2013). Dynamic Factors of Sexual Aggression. *Criminal Justice and Behavior*, 40 (4), 376-387.
- Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2008). Terapia focada nos esquemas: conceituação e pesquisa. *Revista Psiquiatria Clinica*, 35 (5), 187-95.

- Código Penal (2015). 4ª Edição. Lisboa: Almedina.
- DiGiuseppe, R., & Tafrate, R. C. (2007). *Understanding Anger Disorders*. Oxford: University Press.
- Dill, J. C., & Anderson, C. A. (1995). Effects of Frustration Justification on Hostile Aggression. *Aggression behavior*, 21, 359-369.
- Duarte, A. L., Nunes, M. L., & Kristensen, C. H. (2008). Esquemas desadaptativos: revisão sistemática qualitativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4 (1), 1-13.
- Dobson, K. S. (2006). *Manual de Terapias Cognitivo-Comportamentais*. (2ªed). Artmed Editora.
- Eysenck, M. W., & Keane, M. T. (1995). *Cognitive Psychology: A student handbook*. (3ªed). Hove, United Kingdom: Psychology Press.
- Feldman, R. S. (2001). *Compreender a Psicologia*. (5ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Ferreira, E. V. (1998). *Crime e Insegurança em Portugal. Padrões e tendências, 1985-1996*. Oeiras: Celta Editora.
- Flowers, R. B. (2000). *Domestic Crimes, Family Violence and Child Abuse: A Study of Contemporary American Society*. Jefferson, North Caroline and London. McFarland & Company, Inc., Publishers.
- Flowers, R. B. (2006). *Sex Crimes: Perpetrators, Predators, Prostitutes, and Victims*. (2ªed). Springfield: Charles C. Thomas.
- Fonseca, M. J. (2012). *Relação entre a Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas, Funcionamento Esquemático e Alexitimia (Dissertação de Mestrado)*. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Humphrey, J. A., & Palmer, S. (1990). *Deviant Behavior: Patterns, Sources, and Control*. New York: Springer Science + Business Media, LLC.
- Kamalddin, M, R., Shariff, N. D., Othman, A., Ismail, K. H., & Saat, G. A. (2015). Linking Psychological Traits with Criminal Behaviour: A Review. *ASEAN Journal of Psychiatry*, 16 (2): XX-XX.

- Knap, P., & Beck, A. T. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30, *supl II*, 54-64.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Lã-Branca, N. S. (2012). Caracterização Psicopatológica de Agressores sexuais: Violadores e Agressores Sexuais de Crianças (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Lizak, D. (2011). Understanding The Predatory Nature Of Sexual Violence. *Sexual Assault Report*, 14(4), 49-64.
- Ministério da Justiça (2016). Estatísticas da Justiça. Retirado de [http://www.siej.dgpj.mj.pt/webeis/index.jsp?username=Publico&pgmWindowName=pgmWindow\\_635895944619531250](http://www.siej.dgpj.mj.pt/webeis/index.jsp?username=Publico&pgmWindowName=pgmWindow_635895944619531250)
- Morán, J. L. (2011). *Defiendete mujer*. EUA: Palibrio.
- Morris, L. A. (1997). *The Male Hetersexual: Lust in This Loins, Sin in His Soul?*. USA: SAGE Publications, Inc.
- Ortiz-Tallo, M., Sánchez, L. M., & Cardenal, V. (2002). Perfil Psicológico de Delinquentes Sexuales. Un estudio clínico com el MCMI-II de Th. Millon. *Revista de Psiquiatria, Facultad de Medicina de Barcelona*, 29 (3), 144-153.
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39.
- Pereira, L. C. (2013). Esquemas Mal-adaptativos Precoces e Depressão (Dissertação de Mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Pfeiffer, L., & Salvagni, E. P. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 197-204.
- Rafaeli, E., Bernstein, D. P., & Young, J. (2011). *Schema Therapy*. London and New York: Routhledge.
- Rebocho, M. F. (2006). Caracterização do Violador Português: Um Estudo Exploratório (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto, Portugal.

- Rijo, D. M. (2009). Esquemas mal-adaptativos precoces. Validação do conceito e dos métodos de avaliação (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra, Portugal.
- Salter, A. C. (1995). *Transforming Trauma: A Guide to Understanding and Treating Adult Survivors of Child Sexual Abuse*. U.S.A: SAGE Publications, Inc.
- Silva, I. S. (2013). Distorções Cognitivas em Agressores Sexuais: um estudo comparativo (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Simons, D. A. (2015). Adult Sex Offender Typologies. SOMAPI Research Brief: Sex Offender Management Assessment and Planning Initiative. U.S. Department of Justice.
- Teixeira, D. C. (2010). Esquemas Iniciais Desadaptativos e Ajustamento Psicológico em crianças e adolescentes (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia, Lisboa, Portugal.
- Trindade, M. T., Mossati, R. L., & Mazzoni, C. G. (2009). Terapia dos Esquemas: Uma evolução na terapia cognitivo-comportamental. Manuscrito não publicado.
- Young, J. E. (1999). *Cognitive therapy for personality disorders: A schemafocused approach*. (rev. ed). Sarasota: Professional Resources Press.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema Therapy: A Practitioner's Guide*. New York: The Guilford Press.





## **Anexos**

## Anexo A

### Os 18 Esquemas Precoces Mal-adaptativos

<b>Domínio I (Distanciamento e Rejeição)</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Abandono/Instabilidade</i></li></ul> <p>Há uma certeza de que o sujeito vai ser abandonado por aqueles que possuem um papel importante na sua vida, e uma percepção de desconfiança e instabilidade com aqueles que são o seu suporte emocional.</p>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Desconfiança/Abuso</i></li></ul> <p>Há uma convicção de que os outros o irão enganar, humilhar e manipular para atingirem os seus fins. Geralmente são indivíduos que na sua infância foram mal tratados e abusados pela sua família.</p>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Privação emocional</i></li></ul> <p>Há uma sensação de que os outros não irão assegurar os seus desejos e necessidades emocionais, desta forma a privação emocional abarca três formas de privação: privação de afeto, privação de empatia e privação de proteção.</p>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Defeito/Vergonha</i></li></ul> <p>Há o sentimento de que o próprio é indesejado, falhado e inferior, pelo qual, se existir uma aproximação a outro sujeito, este irá afastar-se por se aperceber destas características. Este esquema envolve, geralmente, um sentimento de vergonha devido a esta percepção de inferioridade e por norma são sujeitos que na infância foram criticados pela sua família e/ou grupo de pares.</p>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Isolamento social/Alienação</i></li></ul> <p>Envolve um sentimento de que o sujeito é diferente dos outros e que está isolado do mundo, não pertencendo a nenhum grupo social e/ou comunidade. Este esquema tem origem na infância, quando a criança percebe a si e a sua família como sendo diferente.</p>
<b>Domínio II (Autonomia e Desempenho deteriorados)</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Dependência/Incompetência</i></li></ul> <p>Envolve um sentimento de incapacidade para resolver e lidar com as suas próprias responsabilidades, de forma competente e sem ajuda de outrem.</p>

- *Vulnerabilidade ao Mal ou à Doença*

Há um medo exacerbado de passar por uma qualquer situação, que lhe provoque danos físicos ou mentais, no qual, o sujeito está preparado para lidar com a situação e nem nada pode fazer para o impedir. Este medo pode concentrar-se em 3 tipos de catástrofes: emocionais (perda de controlo), médicas (SIDA) e externas (catástrofes naturais e acidentes). Enquanto crianças, estas interiorizam que o mundo é um sítio perigoso, como consequência da grande preocupação dos seus pais com eventuais acontecimentos.

- *Emaranho/Eu subdesenvolvido,*

Existe um envolvimento emocional excessivo com um ou mais sujeitos significativos. Este envolvimento excessivo, ocorre muitas vezes com as figuras parentais, impossibilitando a sua individualização e o desenvolvimento social. Consequentemente a este emaranho do sujeito, há a crença de que desta forma, o individuo dificilmente sobreviverá sem o apoio constante de outros.

- *Fracasso*

Há a ideia de que, de uma forma ou de outra, o sujeito irá fracassar/falhar, seja a nível profissional ou pessoal. Por norma é um sujeito com características de baixa autoestima, inapto e inadequado.

### Domínio III (Limites deteriorados)

- *Grandiosidade/Limites indefinidos*

Corresponde a uma crença de que o sujeito é superior aos outros e que tem direito a determinados privilégios, podendo ir de encontro com aquilo que são as regras sociais já estipuladas. Neste esquema, por vezes existe uma competitividade excessiva, no qual o sujeito procura dominar o outro.

- *Autocontrolo/Autodisciplina insuficientes*

Dificuldade de exercer um autocontrolo como forma de tolerar a frustração, perante a concretização dos objetivos pessoais, bem como para limitar a expressão excessiva dos seus impulsos.

Domínio IV (Influência dos Outros)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Subjugação</i></li> </ul> <p>Envolve a crença de que o sujeito deve estar sobre o controlo dos outros, como forma de evitar a rejeição ou outro tipo de consequências negativas. A subjugação envolve duas grandes formas: a subjugação de necessidades e a subjugação de emoções.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Autossacrifício</i></li> </ul> <p>Quando o individuo deixa de dar importância às suas necessidades com o intuito de ajudar o outro. Assim, ao ajudar o outro o individuo sente-se realizado, caso se suceda o contrário, ou seja, caso o individuo prefira dar prioridade às suas necessidades em detrimento das necessidades dos outros, ele sentir-se-á culpado.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Procura de aprovação/Reconhecimento</i></li> </ul> <p>Caracteriza-se pelo querer excessivo em obter atenção, reconhecimento e aprovação de outros, com o intuito de desenvolver um sentido verdadeiro e seguro do próprio.</p>

Domínio V (Supervigilância e Inibição)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Negativismo/Pessimismo</i></li> </ul> <p>Engloba aqueles que são os aspetos negativos da vida do sujeito, como a morte, a culpa, a dor, que tem como consequência a desvalorização dos aspetos positivos, ou seja, há uma sobreposição dos aspetos negativos para com os positivos. Geralmente há um medo de cometer erros que possam levar ao fracasso e humilhação.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Inibição emocional/Controlo excessivo</i></li> </ul> <p>Faz alusão ao facto de que o sujeito deve inibir os seus sentimentos e impulsos, tal como a raiva, de forma a evitar a retaliação e não aprovação alheia.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Padrões rígidos excessivos/Hipercriticismo</i></li> </ul> <p>Refere-se a uma crença de que se deve possuir padrões de comportamento internalizados elevados, de forma a evitar criticas. Os padrões rígidos excessivos aparecem através de três modos: perfeccionismo; regras rígidas e obrigações e preocupação com tempo e eficiência.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Punição</i></li> </ul> <p>Existe a crença de que um individuo que comete erros deve ser severamente castigado, mesmo que seja o próprio a cometer o erro. Por noma, existe uma dificuldade de perdoar os erros dos outros bem como os seus.</p>

## Anexo B

### Descrição do Questionário de Esquemas de Young

O YSQ-S3 é um questionário que pretende avaliar a presença de EPM's. São apresentadas ao sujeito um conjunto de 90 itens, com afirmações que, em muitos casos, podem ser utilizadas como forma de nos descrever-mos. Cada item corresponde a um esquema de cada domínio, o que permite avaliar a presença dos esquemas no indivíduo. As respostas do indivíduo devem ser correspondentes ao que ele sente emocionalmente e não o que acha que é correto. Algumas das afirmações são relacionadas com as pessoas próximas do sujeito, como pais e companheiro/a. O sujeito deve responder a este questionário, regendo-se por uma escala de resposta Likert, de seis pontos. Cada ponto corresponde a: 1 – Completamente falso; 2 – Falso na maioria das vezes; 3 – Ligeiramente mais verdadeiro do que falso; 4 – Moderadamente verdade; 5 – Verdadeiro a maioria das vezes; 6 – Descreve-me perfeitamente. Consoante a escala, o número correspondente à resposta do indivíduo é colocado no espaço em branco que se encontra antes de cada frase.

Abaixo, estão dispostos quatro exemplos de questões que pertencem ao YSQ-S3:

1. \_\_\_\_ Sou fundamentalmente diferente dos outros.
2. \_\_\_\_ Não me sinto capaz de me desenvencilhar sozinho (a) no dia-a-dia.
3. \_\_\_\_ Preciso tanto dos outros que me preocupo com o facto de os poder perder.
4. \_\_\_\_ Mesmo quando as coisas parecem estar a correr bem, sinto que isso é apenas temporário.

## **Anexo C**

### **Descrição do Breve Inventário de Sintomas**

O BSI é um inventário constituído por uma lista de nove fatores/problemas que, por vezes, as pessoas podem apresentar. Para a resolução deste questionário, os indivíduos deverão descrever o grau em que cada problema o afetou durante a última semana, consoante uma escala de resposta Likert de cinco pontos: 1 - Nunca; 2 – Poucas vezes; 3 – Algumas vezes; 4 – Muitas vezes; 5 – Muitíssimas vezes. O sujeito para responder, deverá assinalar a sua resposta com uma cruz, tendo em atenção que não deixa nenhuma pergunta para responder.

Abaixo, encontram-se exemplos de itens que correspondem ao BSI:

1. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente
2. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém
3. Ter ataques de terror ou pânico.
4. Ter impulsos que não se podem controlar